



1837 - Trabalho Completo - XII ANPEd-SUL (2018)  
Eixo Temático 17 - Educação Ambiental

MODOS DE SER E ESTAR NO MUNDO AMBIENTALMENTE EM TEMPOS DE CRISE ONTOLÓGICA  
Vilmar Alves Pereira - FURG/PPGEA - UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE

#### RESUMO

O referido ensaio é resultado de inúmeras reflexões sobre existir no tempo presente. Ele toma por referência estudos no campo dos Fundamentos da Educação Ambiental e Popular. Para tanto a partir de leituras da fenomenologia e da hermenêutica com aproximações freirianias apresenta um ensaio em forma de narrativa com o objetivo de pensar a existência presente no contexto do golpe de estado vivenciado no Brasil. Essa experiência reflexiva entre outras decorrências vai propor um novo axioma: resistir para existir. Trata-se de um trabalho que não se enquadra no rigor epistemológico da ciência moderna. Apresenta-se como um esforço compreensivo do tempo presente e de busca de entendimento da limitação e da garantida da vida pelo próprio autor. Busca compreender os processos de entificação do ser que nos coisificam.

**Palavras-chave:** Crise; Ontologia; Ambiental; Golpe.

#### MODOS DE SER E ESTAR NO MUNDO AMBIENTALMENTE EM TEMPOS DE CRISE ONTOLÓGICA

"O ente que temos a tarefa de analisar somos nós mesmos. O ser desse ente é cada vez meu" (HEIDEGGER, 2015, p.85).

#### RESUMO

O referido ensaio é resultado de inúmeras reflexões sobre existir no tempo presente. Ele toma por referência estudos no campo dos Fundamentos da Educação Ambiental e Popular. Para tanto a partir de leituras da fenomenologia e da hermenêutica com aproximações freirianias apresenta um ensaio em forma de narrativa com o objetivo de pensar a existência presente no contexto do golpe de estado vivenciado no Brasil. Essa experiência reflexiva entre outras decorrências vai propor um novo axioma: resistir para existir. Trata-se de um trabalho que não se enquadra no rigor epistemológico da ciência moderna. Apresenta-se como um esforço compreensivo do tempo presente e de busca de entendimento da limitação e da garantida da vida pelo próprio autor. Busca compreender os processos de entificação do ser que nos coisificam.

**Palavras-chave:** Crise; Ontologia; Ambiental; Golpe.

Aprendemos com Heidegger (2015), que como seres históricos nunca somos, mas estamos sendo e de que realizamos a nossa existência sempre no tempo. Nesse sentido habitamos num mundo onde estamos encharcados de preconceitos. Desse modo, por um lado é importante reconhecermos e fazermos uma constituição dos horizontes de preconceitos e por outro descrevermos processos de reestruturação da história a partir de crises não teóricas, mas existenciais onde necessitamos suspender os preconceitos para buscar o sentido do ser e do existir. Dessa forma ser significa participar da vida no tempo. Se não podemos ir além do tempo devemos por meio de nossas crises (que são crises do próprio mundo) e pelo próprio impacto de nosso existir rearticular as realizações históricas no tempo. Assim o ser se rearticula através do nosso tempo. Esses elementos têm contribuído de maneira fundamental para reflexões no campo da Educação Ambiental nesse tempo presente de golpe, de entificação do ser e que nos colocam como imperativos uma condição de vida inautêntica. Assim passo apresentar em forma de narrativa alguns movimentos articulações que venho realizando através do meu existir e as angústias existências de um estado com democracia em risco.

Era junho de 2015, vivenciando os prenúncios de uma psicofera nacional onde em breve estaria sido lançado o documento, a "Ponte para o Futuro" em 29 de outubro de 2015 que foi divulgada pelo PMDB dois meses depois de Temer abandonar o posto de articulador político do governo Dilma Rousseff. O frio da invernia do litoral sul do Brasil trazia as suspeitas e sinais de um *inverno de tempestades no ar* já anunciadas em 5 de setembro de 2014 por Boaventura Souza Santos em Aula Magna na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Nesse anúncio, a tempestade está associada ao encolhimento de direitos e consolidação de dois movimentos: por um lado uma esquerda que se dilacera em conflitos e dissonâncias entre si, se fragilizando e por outro, uma direita que se reforça em todo mundo, tornando-se cada vez mais hegemônica, conservadora, fundamentalista, renovadora de perspectivas fascistas e xenofóbicas.

Eu vivia a experiência de gestão pública (como Pró-Reitor de Assuntos Estudantis) no campo das ações afirmativas onde fora possível defender de 2013 a 2016 a possibilidade de uma *Universidade Popular e Afirmativa*. Nesse contexto milhares de estudantes filhos de trabalhadores haviam atracados na Universidade Federal do Rio Grande nessa cidade portuária. Também presenciei o investimento gigantesco no setor portuário com milhares de empregos a trabalhadores de todas as partes do país e do mundo. Rio Grande que já é grande se encontrava maior ainda.

Naquele ano em junho recebi um honroso convite para participar da mesa de abertura do *VI Colóquio de Pesquisadores em Educação Ambiental da Região Sul* – CPEASul em Guarapuava que foi realizado em agosto de 2015 cuja temática versava sobre os fundamentos da Educação Ambiental. Tirei uma semana de férias em julho e escrevi meu trabalho focado na *Crise dos Fundamentos da Educação Ambiental*. Eu havia percebido nos múltiplos movimentos da Educação Ambiental e Popular que a noção de Fundamentos carregava consigo muitas limitações. A principal delas é de que a Educação Ambiental vinha trabalhando com uma concepção de Fundamentos de tradição metafísica que perpassa toda a história do ocidente. No entanto, esses fundamentos há um bom tempo tem sido colocado sob suspeita por inúmeras leituras: Nietzsche, Foucault, Heidegger, Gadamer e Habermas. Cito apenas alguns de um conjunto de grandes expoentes.

Construí um texto para o referido evento com o objetivo de demonstrar que o paradigma metafísico associado ao modo de fazer ciência do positivismo não consegue dar conta de uma compreensão existencial das múltiplas relações socioambientais:

Caracteriza-se como “metafísico” o pensamento de um idealismo filosófico que se origina em Platão, passando por Plotino e o neoplatonismo, Agostinho e Tomás, Cusano e Pico de Mirandola, Descartes, Spinoza e Leibniz, chegando até Kant, Schelling e Hegel. É, conforme já apontamos o modelo que prima pelo pensamento da identidade, da busca de explicar a origem e a essência em cada ser; da restrição do múltiplo ao uno, das bases idealistas que pretendem explicar o ser desde Platão; da ordem fundadora da unidade que subjaz como essência dos fenômenos e da ideia de hierarquização dos conceitos de Platão. Esse modelo atribui um lugar privilegiado à filosofia e à teoria que, transcendendo a prática, pretendem explicar esses saberes transcendentais. (HABERMAS, 1990, p. 38-40).

E naquele momento apontei para a necessidade de uma compreensão mais ontológica da Educação Ambiental fundamentada nos inúmeros diálogos que mantemos na disciplina Hermenêutica e Educação Ambiental em Parceria com a Professora Simone Freire no Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental da FURG – PPGEA. Partindo do conceito de Racionalidade Ambiental de Henrique Leff fiz uma proposição de uma Racionalidade Ambiental Pós Metafísica, tomando o Pós Metafísico do Filósofo Habermas:

Alguns contornos do horizonte pós segundo Habermas são postos pela fenomenologia e, principalmente a filosofia analítica; a filosofia da ciência pós-empirista; o estruturalismo e reaparecimento do marxismo ocidental. Dentre essas mudanças talvez a mais contundente seja “a passagem do paradigma da filosofia da consciência para o paradigma da filosofia da linguagem constitui um corte de profundidade” (HABERMAS, 1990, p. 15).

Nessa racionalidade considerei as seguintes aberturas compreensivas:

1. a) A dimensão plural da Educação Ambiental;
2. b) A relevância dos contextos e da linguagem;
3. c) Da mudança na relação sujeito-objeto;
4. d) Da mudança na relação entre teoria e prática;
5. e) Da dimensão epistemológica para a ontológica da Educação Ambiental.

Na altitude dos morros, curvas e montanhas de Guarapuava a referida leitura recebeu uma boa acolhida. No entanto ter estado a mesa com Carlos Frederico Loureiro e ter assistido a noite Leonardo Boff discorrendo sobre as *Quatro Ecologias* promoveu em mim inúmeras reflexões sobre a nossa condição existencial e o nosso papel no mundo principalmente num cenário de múltiplas crises.

O setembro aqui no litoral sul do Brasil é um mês de muitas chuvas. Naquela ocasião as chuvas de uma primavera de esperanças são encharcadas de enxurradas de reflexões existenciais. Dessa forma em setembro após meu retorno do *VI Colóquio de Pesquisadores em Educação Ambiental da Região Sul* – CPEASul de Guarapuava, fui convidado pela comissão organizadora do *VII EDEA - Encontro e Diálogos com a Educação Ambiental* para integrar a mesa de Abertura desse importante evento que na sua maioria é organizado pelos estudantes do PPPGEA, programa este responsável pela produção de mais de 50% das produções em Educação Ambiental do país. Aqui se formaram até esse momento 334 mestres e 93 doutores em Educação Ambiental. O convite chega, entanto o a mim com algumas provocações muito relevantes: Desafios da Educação Ambiental: quem faz, como, para que, e para quem? A fala era para 25 de novembro e eu fui desafiado a pensar a partir do meu lugar das condições existenciais que ali vivia.

Foi a partir dessa provocação que me esforcei no sentido de não oferecer mais uma solução metafísica. Me interessava ali promover densas reflexões sobre a nossa condição existencial em cenário de múltiplas crises. É nesse contexto que surge as premissas de uma teoria: a *Ecologia Cosmocena*.

Desse modo a referida Ecologia parte da constatação de inúmeras crises civilizatória (LEFF, 2006), crise de sentido (ZOHAR; MARSHALL, 2012), crise entre ciência e religião (WILSON, 2008) e, por decorrência, crise socioambiental (LOVELOCK, 2010; BOFF, 2012; LOUREIRO, 2004) e considera que o diagnóstico feito pelos autores reconhece tratar-se de uma crise de paradigma, em que o paradigma metafísico, que acreditou ser portador de sentido na busca dos fins últimos do homem, encontra-se agora desencantado, porque as essências por ele indicadas como verdades podem ser, e são, no contexto atual, relativizadas.

Outra forte constatação refere-se era *antropocena* e a denúncia talvez sobre a forma mais selvagem de relação humanidade-natureza, com vestígios absurdos demonstrando o esgotamento dos paradigmas clássicos fundados numa perspectiva antropocêntrica; de desastre ecológico como o imensurável evento Mariana (MG); de denúncia do estado de exceção no Mato Grosso do Sul (MS) - para o genocídio indígena em favor dos donos do agronegócio; tempos em que os conflitos socioambientais tomam proporções inimagináveis, com aparecimento de crianças mortas na praia em consequência do horror do radicalismo do estado islâmico, das guerras políticas e econômicas no Oriente e em outras partes do planeta; período em que a racionalidade estratégica mostra sem disfarces todas as suas faces em busca do lucro e do poder. E estaria mostrando isso logo adiante em abril de 2016 o ano que ainda não terminou.

Outra motivação para emergência da *Ecologia Cosmocena* foi a constatação de que ao estudarmos a história de algumas civilizações ocidentais que demarcaram com sua presença suas identidades, temos nelas um traço comum no que concerne a questões ecológicas: uma profunda sintonia natureza-humanidade. Nesse sentido, vemos que as civilizações: grega pré-socrática (Europa), maia (América do Sul e Central), asteca (América Central), inca (América do Sul), guarani (América do Sul – Brasil), *kaingang* (América do Sul – Brasil), com sua pluralidade cultural e suas amplas dimensões transcendentais expressas em suas crenças, não apenas habitaram ou ocuparam lugares no cosmos, mas viveram em profunda sintonia com ele: seus valores, saberes culturais, suas magias, suas formas de relação humanidade-mundo expressam *cosmovisões* que necessitam ser estudadas, aprendidas e praticadas.

Estes são fortes elementos que contribuem para emergência concepção de *Ecologia Cosmocena*. Desse modo, o estudo procurou a partir de oito teses discutir e problematizar: a) *relação Natureza–Humanidade* reivindicando uma postura de maior reconhecimento das outriedades que integram a natureza desde já, e que por decorrência também são sujeito. Para, além disso, sugere uma postura de maior humildade superando essa pretensa relação de domínio humanidade-natureza, onde com maior sintonia, é possível o ser humano perceber-se como mais uma espécie nesse infinito universo. Abertura e redefinição de postura são os elementos orientadores dessa propositiva relação; b) *Da desaceleração do tempo como garantia de vida* emergem profundas e densas reflexões sobre a concepção de tempo e sobre como estamos compreendendo o tempo no horizonte pós metafísico. Isso é posto, dado ao fato de que nos orientamos pela concepção moderna de tempo. Apresenta-se como reflexão o conceito de presenteísmo e as possíveis anomalias de uma humanidade reclama na ter tempo e que vive os tempos de aceleração e bloqueamento de todas as capacidades criativas. Reivindica-se tempo para nossos afetos, nossas estéticas, éticas e místicas. Inclusive tempo para desacelerar; c) *Da sintonia com novas sabedorias* chama-se atenção para tantas sabedorias que sempre

estiveram aí, mas que em geral não estabelecemos sintonias profundas com elas. Isso vai desde os saberes dos povos tradicionais aos múltiplos movimentos na luta pela vida que estão ocorrendo durante todo ano em todo o planeta. A reivindicação hermenêutica aqui é de maior abertura compreensiva; d) *Do cuidado como reaprendizagem x consumo desentreada* partindo da constatação de que somos uma sociedade que se cuida pouco, o estudo aponta desde a gênese cuidado como condição ontológica do ser humano, passando por diferentes formas de descuido e sugere o cuidado como condição fundamental para sustentabilidade do universo. Apresenta também alguns movimentos na direção do cuidado e de uma cultura da paz; e) *Da descolonização do mundo da vida*: parte do conceito de Habermas (2001) de colonização do mundo da vida e baseado em estudos de Bauman sobre o impacto que as redes sociais têm sobre a geração de consumidores, em especial, a obra *Vida Para Consumo*, apresenta reflexões sobre a colonização de nossa dimensão das estruturas lingüísticas, culturais, afetivas, subjetivas que sofrem esse grande impacto muitas vezes perdendo ou criando anomalias, inclusive na nossa capacidade de comunicação e nas dimensões de diálogos com aqueles (as) que estão próximos; f) *Por um mundo diverso e sem preconceitos*: baseado na compreensão que o universo sempre foi biodiverso, plural e múltiplo o estudo denuncia todas as formas de preconceito reconhecendo que todas encolhem a expressão da vida em múltiplos contextos. Denuncia também o preconceito epistemológico tão reforçado em muitas academias. Para, além disso, essa ecologia se manifesta como aberta a todas as diferenças transcendendo o estreitamento de fronteiras e reivindicando novos modos de ser nesse infinito universo; g) *Da condição de incompletude*: o estudo parte da compreensão da nossa vocação ontológica que leitura freiriana aponta para essa *condição de ser mais*. E nesse horizonte, do ser mais discute e reconhece três vertentes polêmicas: a necessidade de uma nova aproximação entre ciência e religião Wilson, (2008); o reconhecimento do coeficiente espiritual QS, não como religião mas como uma espécie de bússola moral na busca de superação da nossa crise de sentido Zohar; Marshall (2012) e o reconhecimento da existência da alma. Esses aspectos pressupõem como ponto de partida o fato de que mesmo não acreditando em nenhuma dimensão transcendental-espiritual, devemos reconhecer que para bilhões de seres humanos essa dimensão assume sentido profundo em suas vidas e modos de ser. h) *Do lugar da Educação Ambiental na Ecologia Cosmocena* considera que a EA aparece um ponto pequeno nesse universo, mas que assume o papel preponderante no sentido de nos ressituar sobre os caminhos que traçamos. Essa ampla discussão não se encontra desconexa das intervenções políticas e principalmente econômicas. Economia essa que limita as formas de vida no planeta. Ela pode servir de alternativa para pensarmos um desenvolvimento mais amplo do ser humano do que apenas a estreiteza da lógica financeira: desenvolvimento cultural, intelectual, espiritual das pessoas em suas múltiplas dimensões que possa garantir a qualidade de vida digna. É o que Capra denomina de crescimento qualitativo. É desse cenário que emerge a definição da Ecologia Cosmocena como:

uma alternativa viável para pensarmos as relações entre seres vivos e não-vivos no sentido de podermos garantir melhor qualidade de vida no planeta e, quem sabe, no universo. Ela nasce em meio a este cenário de desesperança e medo reforçado pela Era Antropocena e pelas conseqüentes crises: dos fundamentos da EA, do paradigma filosófico metafísico, da racionalidade ocidental e do sujeito, do esgotamento do sistema capitalista, da lógica do lucro e consequentemente da crise financeira, crise política, socioambiental e, fundamentalmente, da crise de sentido existencial-ontológico sobre o espaço e sentido humano no cosmos. Emerge também de uma profunda intuição hermenêutica de que é necessário um reposicionamento humano no cosmos no amplo conjunto das relações que estabelecemos cotidianamente com o universo com o qual nos encontramos conectados. Dessa forma, pode ser vista como ecologia também de ampliação dos sentidos, com a pretensão de alargar a nossa visão cósmica (PEREIRA, 2016, p.45).

Ao apresentar essa teoria recebi inúmeras contribuições. Fui muito bem acolhido em minha casa pois assim concebo o PPGA. Mas recebi sugestões como, por exemplo, de uma estudante de Porto Alegre quando afirmou que eram princípios interessantes mas que no entanto ficavam no horizonte de reflexões e que ela gostaria de saber como isso se traduziria na Educação Ambiental e nas Práticas Educativas. Essa provocação teve como decorrência mais tarde a criação da *Pedagogia Cosmocena*. No novembro esperançoso daquela primavera de esperanças do EDEA lançamos também um vídeo apresentando os princípios orientadores da Ecologia Cosmocena.

Dois dias após o lançamento recebi o seguinte comentário no vídeo postado por Sato (2015) “querido Vilmar pode me colocar neste seu grupo cosmoceno, concordo com inúmeras coisas consideradas. discordo de poucas coisas, mas isso falamos depois - ajustamos a sintonia na incompletude de nossa onTEologia. PARABÉNS enorme! cheio de admiração e meu carinho”. Esse comentário vindo de uma das maiores educadoras ambientais do Brasil e do mundo serviu de muito estímulo para um porvir de possibilidades ontológicas.

Assim aguardava ansioso o momento de entrar em férias para poder continuar a escrita de um verão de criatividade no meu pequeno espaço de lazer, para alguns um quiosque, para outros um lugar de descanso para mim e também um jardim criativo. Nesse local em minha casa durante um mês e meio de 16 dezembro a dois de fevereiro escrevi a *Ecologia Cosmocena*. Levantava de manhã bem cedo com um bom chimarrão e escrevia até próximo ao meio dia. A tarde íamos com a família a praia. A praia do Balneário da Cassino estava sobre o efeito das lamas que impedia inúmeras práticas de lazer. Era mais indicativo de um lamaçal não apenas da dragagem mal feita e depositada numa distância muito próxima e que por decorrência retornavam as margens do nosso Balneário. Logo mais o lamaçal atingiria mais a cidade do Rio Grande com as denúncias de envolvimento em corrupção da Petrobrás e do envolvimento muito sério do setor portuário que entre outras decorrências mais de 15 mil pessoas perderiam logo ali seus empregos em nossa cidade.

Retornando as atividades acadêmicas em março já não sentíamos apenas os sinais de tempestades mas os vestígios salientes de um abril que no sul sempre foi conhecido por *abril vermelho da resistência* que em 2016 fora substituído por *abril cinzento* onde o lamaçal trazido pelo 34 milhões de metros cúbicos de rejeito e de minério de ferro que jorraram do complexo de mineração operado pela Samarco teria percorrido todo o país com a consumação de um golpe de estado operado pela mesma lógica da racionalidade instrumental estratégica, sempre voltada a lucro e poder. Assim como em Mariana ainda não podíamos mensurar o impacto na natureza e sociedade de um golpe que atinge toda a população e de imediato impõe medidas a classe trabalhadora muito difíceis usando a falsa roupagem de um desgoverno reformista.

Em meio a esses movimentos compreensivos recebi o aceite da fantástica educadora Michèle Sato para o prefácio de duas obras: *Ecologia Cosmocena e Hermenêutica e Educação Ambiental no Contexto Pós Metafísico*, sendo essa segunda uma obra coletiva com integrantes do PPGA.

Sem o tradicional *abril vermelho da resistência* dos movimentos sociais tivemos um *outono cinzento de paralisia social*. Parecia que estávamos anestesiados tendo que reelaborar os efeitos de uma. Já conhecíamos bem a condição de oprimidos, mas ignoramos as estratégias do opressor que encolhe a vida com suas múltiplas formas de domínio. Estando ainda na Gestão da Universidade como Pró-Reitor de Assuntos Estudantis experienciei os primeiros sinais e o gosto amargo do desencanto e a tristeza em ver na gestão o encolhimento muito veloz da *Universidade Popular e Afirmativa*. Já não se adjetivava mais popular, mas *Inovadora e Empreendedora*. Sai da gestão em 2 de outubro desse mesmo ano após três anos e 10 meses de muito trabalho e realização de muitos sonhos.

Sem nos desesperar ainda no inverno organizamos em julho com Michele Sato uma Edição Especial da Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental da FURG – REMEA. Ali em dupla aproveitamos já no editorial para denunciar a nossa condição de oprimidos e os desafios de existirmos, habitarmos e convivemos num mundo de múltiplas crises. A referida edição trouxe alguns lampejos de pesquisadores de diferentes lugares do mundo pensam a EA pelo campo dos Fundamentos da EA. Temáticas novas emergem provocando algumas brechas de resistências frente a um mar de lamas de um golpe. Temáticas como: Ecofenomenologia, Outras epistemologias em Educação Ambiental, Gênero e Educação Ambiental, Educação Ambiental e a Descolonização do Pensamento, Teoria Social Crítica e

Era preciso continuar encontrando formas de resistência nesse contexto assumimos o compromisso de organizarmos a XIX Edição do Fórum de Estudos Leituras de Paulo Freire. Trabalhamos incansavelmente todo o segundo semestre de 2016 para o evento que se realizou entre 1 a 3 de junho de 2017. A temática geradora do evento foi: *Reinventando Paulo Freire na Atualidade Pedagogias na Luta contra as Opressões*. Estudamos densamente as dimensões das opressões a partir de um belo texto de Andreola (2013) que demonstra o quanto duas dimensões da opressão nos violentam sobremaneira: a dimensão *Antropológica* que tem por decorrência numa cultura do medo e do silêncio e a dimensão *Ontológica* que resulta no “encolhimento do ser mais”.

Partindo desse referencial a consolidação dessa edição do Fórum está associada ao fato de estabelecermos parcerias com 25 diferenças, de movimentos sociais, povos quilombolas, indígenas, LGBTQTS, Marcha das Mulheres, Sindicatos, Pescadores Artesanais, Coletivos de Mulheres desempregadas do Porto, Coletivo de Moradia Popular na busca de um teto, Escolas Públicas, Senegaleses, Imigrantes em Rio Grande e a luta pela sobrevivência no além mar. Esses entre outros grupos que integraram com o Programa de Auxílio Ao Ingresso aos Ensinos Técnico e Superior da Universidade que é um Programa de Extensão Classificado em quarto lugar nacional no último edital Proext 2015 e que por sinal até agora esse edital encontra-se fechado comprometendo o futuro da extensão nesse país em estado de exceção.

O Fórum Paulo Freire com temática das opressões me permitiu reforçar a premissa de que 2016 ainda não acabou. Também nos permitiu buscarmos algumas compreensões dentre elas que devemos cuidar mais de quem esta perto de nós. Devemos enquanto movimentos de esquerda nos unir mais nos respeitando enquanto diferentes. O Fórum também foi fundamental para reforçarmos a constatação de que o antagonismo não quer diálogo. Nesse sentido produzimos um texto sobre a *Atualidade da Categoria diálogo no contexto da Escola Sem Partido* em parceria com Professora Dr<sup>a</sup> Graziela Rinaldi onde fizemos essa denúncia juntamente com uma Edição Especial da REMEA lançada no dia do evento com ricos trabalhos de denúncia as múltiplas opressões que vivenciamos nesse país.

No mesmo ano *O Fórum Brasileiro Educação Ambiental* reforça ainda mais a denúncia das opressões e a limitação da Educação Ambiental na Base Curricular Comum e a forte tendência a perspectiva do desenvolvimento sustentável em detrimento da Educação Ambiental. Uma síntese dessa denúncia foi publicada na Edição de dezembro de 2017 na seção especial da REMEA com o título *Jamais seremos calados, jamais seremos vencidos: 25 anos depois os educadores e educadoras ambientais ainda resistem*. Um belo texto do educador ambiental Professor Dr. Antônio Fernando Silveira Guerra Coordenador Geral da edição do *IX Fórum Brasileiro de Educação Ambiental- IX FBFA*

A *primavera de esperanças* alimentada pela necessidade de resistência foi reforçada num convite que recebemos do Ministério da Educação da Nicarágua para participar do *III Foro Internacional de Formación y Desarrollo Docente desde “Innovación y creatividad para la educación integral y de calidad”*, organizado pelo Ministério da Educação da Nicarágua – Mined- na cidade de Manágua. Ficamos sabendo mais tarde que o referido convite veio após o ministro da Educação da Nicarágua ter solicitado a um egresso do Programa Pós Graduação em Educação Ambiental da FURG e que quando aqui esteve 2014 e 2015 participou conosco das edições do Fórum e das edições do Seminário Diálogos com Paulo Freire e que destacou nossa experiência como exitosa.

Diferente do momento que vivenciamos no Brasil a experiência que presencie do povo da Nicarágua, carregada de protagonismo, demonstra que nesse momento esse país tem uma grande abertura democrática e tem uma proposta de educação associado com um projeto de nação na busca de ampliação de direitos dentre eles o direito a educação. Esses elementos apresentam forte indicativos de uma educação problematizadora-libertadora e por decorrência humanizadora. Quero reforçar que essa experiência com tamanho *protagonismo* serve sim de referência positiva e de orientação para tantas nações que caíram no *canto da sereia da lógica neoliberal*. Nesse sentido 20 anos após a sua morte Paulo Freire revive em terras Nicaraguenses.

Para essa atividade fiz a leitura novamente da Pedagogia da Esperança e foi muito bom encontrar em Freire horizontes de uma esperança crítica, encharcada de movimentos e de possibilidades de enfrentamento das opressões que conforme Freire roubam a nossa dignidade e por decorrência a nossa humanidade.

Nesse mesmo semestre sentido a necessidade ontológica de compreendermos a nossa existência que é ao mesmo tempo trágica e ao mesmo tempo infinita pelas possibilidades do ser que nunca é, mas sempre está sendo, conforme Heidegger, criamos no Programa de Pós Graduação em Educação – PPGEDU a disciplina colegiada de Educação Popular, Movimentos Sociais e Mobilizações. E pelo PPGA um tópico de leituras de Heidegger em especial da obra *Ser e Tempo*. Essas leituras associadas a Hermenêutica e Educação Ambiental, a Ecologia Cosmocena e ao contato permanente com os Povos Tradicionais, tem nos propiciado uma nova abertura compreensiva que consiste na necessidade de uma *Ontoepistemologia Ambiental*. Esse estudo já encontra pronto e em breve será publicado.

Mas estamos em 2018 e o cenário ainda é de incerteza por um lado. Apenas temos uma certeza: o antagonismo continua agindo e dessa vez tem o aparato da justiça para validar seus anseios. Como ser e estar no mundo e conviver com as outridades nesse contexto? Passo a seguir discorrer sobre alguns indicativos não metafísicos de existirmos no cenário descrito.

### **Modos de ser e conviver: resistir existindo**

Assim eu vivo as contingências de um presente que ainda não anuncia um porvir de esperanças. Assim eu sinto a necessidade de que o existir no tempo presente é precedido pelo verbo resistir. Nesse sentido a condição ontológica da resistência traz consigo a força e a necessidade do meu existir. Resisto aos sentimentos de vingança, ódio e fobia tão presentes nas novas expressões dos movimentos fundamentalistas brasileiros que como fortes antagonistas não almejam dialogar. Suas armas são imperativos contra toda e qualquer diferença. Essa perspectiva é tão forte que chegam até reivindicar as forças armadas para assumirem o comando do país. Suas estratégias transcendem a dimensão religiosa e chega a ter alcance direto na vida pública da população. Resisto “ao canto da sereia” desse discurso neoliberal que muda a legislação em Educação Ambiental em favor do “desenvolvimento sustentável” a serviço da lógica do mercado. Resisto a lógica da mineração da dominação humanidade-natureza como modo de expropriar da terra toda a sua vida trazendo danos irreversíveis como já constatado. Resisto a morte de mais de 32 mil pessoas no campo conforme levantamento da Pastoral da terra sendo apenas nesse ano mais de 70 até o mês de abril (verdadeiros genocídios e chacinas). Resisto a desvalorização do ensino público em vista dos novos investimentos no setor privado. Resisto a lógica do agronegócio que prepondera em desfavor da agricultura ecológica. Resisto a prisão do ex-presidente Lula como forma de dar um único direcionamento as eleições de 2018. Resisto ao processo de mineração em São José do Norte – Município vizinho trará graves consequências a vida dessa população. Resisto ao desmonte do setor naval portuário e as novas alianças com países estrangeiros que utilizam trabalho e força humana em condições de trabalho escravo. Resisto a cultura do medo pelo direito de dizer a palavra.

Esses movimentos existenciais de um ano de 2016 que ainda não acabou me mobilizam ontologicamente na buscado *ser mais* assumindo todos os riscos. Acredito que esse é o preço do resistir- existindo. Não quero ser mais um ser biológico adaptável ao golpe, a exploração humana em todas as dimensões, a exploração da natureza e aos descuidos desmedidos respaldados em legislações a serviço do capital. Não quero deixar aos meus filhos esse legado de que não resisti e, portanto, não lutei. Quero enquanto possível manter a perspectiva

da inserção crítica. Habitar esse mundo com possibilidades de intervenção e usar todos os espaços para dizer a palavra e denunciar as formas de encolhimento da vida e de restrição democrática.

Ao invés da *A existência desesperançada* proponho uma *ontologia da esperança*. Essa ontologia está associada a minha possibilidade de transcendência aos limites impostos pelo sistema. Transcendência aos fatalismos impostos de que não podemos mais ter acesso a isso ou aquilo. Podemos sim, pois não me curvo ao presente. Aprendemos com os povos tradicionais que a luta é permanente para sobreviver. Há vários séculos as comunidades tradicionais resistem para existir. Essa *ontologia da esperança* refere-se a uma condição de movimento, abertura compreensiva e existencial, de percepção da nossa busca de infinito mesmo sendo finitos. Trata-se de uma ontologia que não coloca a esperança no topo num alcance metafísico ou numa teleologia, mas, vê o esperar como condição existencial de um humano que por ser humano pode escolher viver reflexivamente do que se adaptar biologicamente. Assim somos criadores de nossa própria cultura mas também transformadores de nossa existência. Esse movimento existencial é que denomino de *existência compreensiva*. Ou seja, reconhecer a fenomenologia humana com essas duas dimensões: ao mesmo tempo somos seres finitos e limitados e ao mesmo tempo almejamos o infinito para existirmos. Esse almejar o infinito é o combustível da esperança, pois nos coloca em movimento.

É óbvio que existir seria muito trágico se fosse de forma solipsista. Nesse sentido é fundamental que essa forma de existir pela ontologia da esperança só pode ser compreendida nas relações com todas as outridades: humanas e não humanas. No que refere a existência com humanos considero fundamental nesse momento que vivenciamos o golpe no Brasil, que possamos a partir de uma perspectiva do cuidado ambiental encontramos formas de convivermos solidariamente. É tempo em que os diferentes devem reforçar seus vínculos sem perder sua identidade. É tempo de substituímos nossa *arrogância epistemológica* por mais *humildade ontológica* acolhedora dos saberes e que reforça nossa postura como apenas mais uma outridade num universo de infinitas possibilidades. É tempo de um pensar coletivo a fim de que possamos garantir uma melhor vida nesse país e nesse mundo tão competitivo e cheio de patologias sociais que nos impõe um modo de viver e inautêntico.

É nesse sentido que ontologicamente proponho uma *existência combativa* tomando de volta a minha dignidade e a minha humanidade roubada. Se já experienciamos processos democráticos, dignos e justos por que não nos esforçamos combativamente para buscarmos aquilo que é possível e que sabemos que torna a nossa existência com maior e melhor sentido. se coloca nessa esteira de reconhecimento e de possibilidades de melhoria das condições existências. Daí nosso papel em não aceitarmos o imperativo que tentam nos impor de que se estamos em crise e de que recessão é por que cometemos exageros em favor dos direitos dos mais fracos. O que os marginalizados tiveram no Brasil pela primeira vez foi condições mais dignas para existirem.

Estamos num momento limite entre *desistir e existir*. A desistência vem do encolhimento ontológico de possibilidades criativas. É também resultado de uma compreensão existência de que não existe mais horizonte possível, pois teríamos esgotados todos as expectativas em vista de um futuro melhor. Nesse sentido proponho uma existência redescritiva. Tomando emprestado o termo redescritão de Rorty (1998) sugiro esse movimento de escrevermos de novo esse mundo. Não mais presos às intenções de verdade, de espelhamento de essências prévias, mas de possibilidades de contarmos outra narrativa de humanos que se colocam mais nas relações visando não ganhar mais, levar vantagens, mas viver melhor e mais integrado nas suas dimensões *biopsicossocioambiespirituais* vivendo uma vida mais autêntica:

Utilizo a palavra *biopsicossocioambiespiritual* ainda não registrado nos dicionários considerando que expressa uma compreensão cosmocena daquilo que constitui a humanidade. Por isso ela procura em uma única terminologia agregar as dimensões biológicas, psicológicas, sociológicas, ambientais e espirituais. Cabe salientar que a compreensão já existe, no entanto ao descrevê-la, na maioria das vezes é traduzida por Biopsicossocial- ambiental e espiritual. A alteração que faço aqui se dá no sentido semântico de realmente reforçar que essa compreensão no horizonte cosmoceno é indissociável (PEREIRA, 2016, p.45).

Dessa maneira o que estamos propondo é uma *existência ativa e construtiva*, jamais pronta mas em permanente busca de sentido. Uma existência que se mostra que se recolhe, que se lança e que se busca e que se reconhece com suas limitações mas, também com suas condições de resignificar o viver em tempos de opressões. Habitar o cosmos construtivamente em tempos de encolhimento democrático é talvez um dos maiores desafios em tempos de crise existencial. Talvez assim possamos superar a fobia de estar vivos pois a tempestade já começou e frequentemente inunda campos com lamaçais limitantes da vida.

*Por que resisto eu existo* não mais como um devaneio, mas como um axioma valorativo de não aceitação *dostatus quo* e da convivência com as demais outridades numa luta permanente em defesa da vida e contra o *fatalismo ontológico* de meros seres adaptados. Vivo por que quero e necessito dessas experiências para contribuir singelamente com minha condição de humanidade para um mundo melhor onde eu possa retornar ao sentido mais amplo da minha existência e tudo que a circunda e a partir disso me projetar ontologicamente como possibilidade de transcender. É assim que acolho o desafio heideggeriano de que pensar a existência é a primeira tarefa da filosofia e por que não dizer da Educação Ambiental.

## Referências

ANDREOLA, Balduino. **Dimensões antropológicas e ontológicas da opressão**. In: PEREIRA, Vilmar Alves; DIAS, José Roberto de Lima; TELMO, Paula. **Educação Popular e a Pedagogia da Contra Marcha: uma homenagem a Gomerindo Ghiggi**. 1. ed. Passo Fundo: Méritos, 2013. p.121-132.

BOFF, Leonardo. **As quatro ecologias: ambiental, política e social, mental e integral**. Rio de Janeiro: Mar de Idéias: Animus anima 2012.

\_\_\_\_\_. **Saber cuidar: ética do humano - compaixão pela terra**. Petrópolis: Vozes, 1999.

CAPRA, Fritjof. **O ponto de mutação**. Rio de Janeiro: Cultrix, 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2011.

GADAMER Hans-Georg. **Verdade e método: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica**. Tradução: Flávio Paulo Meurer. Petrópolis: Vozes, 2002.

HABERMAS, Jürgen. **O discurso filosófico da modernidade**. Tradução: Luiz Sérgio Repa e Rodnei Nascimento. Lisboa: Dom Quixote, 1990.

\_\_\_\_\_. **Teoría de la acción comunicativa**: racionalidad de la acción y racionalización social. Madrid: Taurus, 2001.

\_\_\_\_\_. **Pensamento pós-metafísico**. Tradução: Flávio Beno Siebeneichler. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2002.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. Tradução: Márcia de Sá Cavalcante; pós-fácio de Emmanuel Carneiro Leão. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

LEFF, Henrique. Racionalidade ambiental: **a reapropriação social da natureza**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

LOUREIRO, C. F. B. **Trajectoria e fundamentos da educação ambiental**. São Paulo: Cortez, 2004.

LOVELOCK, James, **Gaia**: alerta final. Tradução: Vera de Paula Assis. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2010.

PEREIRA, Vilmar A. **Ecologia Cosmocena**: a redefinição do espaço humano no cosmos. Juiz de Fora, MG : GARCIA edizioni, 2016

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A Crítica da Razão Indolente**: contra o desperdício da experiência, Porto, Afrontamento, 2000.

WILSON, Eduard, O. **A criação**: como salvar a vida na terra. Tradução: Isa Mara Lando. São Paulo: Companhia da Letras, 2008.

OHAR, Danah; MARSHALL, Ian. **QS: inteligência espiritual**. Tradução: Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Viva Livros, 2012.